

dinastia de Constantino, a família dos Flávios-Cláudios, manteve a tradição imperial romana de árvores genealógicas complexas, como se vê.

² Um pequeno parêntese sobre Constâncio II. Por muito tempo, considerou-se – seguindo a história de Amiano Marcelino, autor do século IV – que Constâncio II era uma personagem loucamente paranóica e desconfiada. Uma visão um pouco mais benigna para tal imperador diria que ele era *prudentemente* paranóico e desconfiado: ele viu seu pai, Constantino, matar seu meio-irmão Crispo em 326, para, arrependido, logo em seguida executar a mandante do crime – a mãe de Constâncio II, Faustina; quaisquer que sejam os nossos julgamentos morais frente ao massacre dos descendentes de Teodora, o fato é que eles encarnavam uma alternativa muito significativa e real para o governo dos filhos de Constantino, uma alternativa que, bem-sucedida, só poderia acabar com a morte deles; ele viu seus dois irmãos morrerem brutalmente, um pela mão do outro; este outro seria, por sua vez, assassinado por um usurpador. Ambos os Césares que ele elevou acabaram por se mostrar desleais. A coroação de tal história é que, após todas estas idas e vindas potencialmente fatais, Constâncio II foi um dos únicos Flávio-Cláudios que morreram de causas naturais.

³ No século IV, o prefeito pretoriano era o mais alto cargo administrativo que um civil poderia almejar.

⁴ Não possuímos dados muito claros acerca da batalha de Mursa, que contrapôs os exércitos de Magnêncio aos de Constâncio, mas sabemos que ela foi uma das mais sangrentas do século.

⁵ As estadias de Galo e Juliano são comparadas por este autor em <http://www6.ufrgs.br/ppghist/aedos/ojs-2.2/index.php/aedos/article/view/56/51>.

Imperador Flávio Cláudio Juliano Contra os Galileus Livro I

Notas de José Baracat Jr.

39A1-49D2

Cesar Lopes Gemelli

[39A] Bom me parece expor, a todos os homens, as causas pelas quais fui convencido de que o engodo dos galileus é invenção de homens [39B] composta por vilania. Nada tendo de divino, tirando proveito da parte da alma que ama o fabuloso¹ e que é infantil e irracional, levou a monstrosidade à fé de verdade².

[41E] Como pretendo tratar de todos os chamados primeiros dogmas, o que desejo dizer primeiro é que os leitores, se de fato quiserem contradizer-me, não devem, exatamente como no tribunal, divagar sobre nada fora do assunto nem, como se diz, fazer a acusação antes que tenham defendido suas próprias opiniões. [42A] Assim, pois, é melhor e mais claro, quando desejem corrigir algo que tenhamos dito, que apresentem o assunto separadamente, mas que, nos temas que defendem de nossas censuras, não respondam com acusações.

[42E] É válido retomar, brevemente, de onde e como nos chegou primeiramente uma noção de deus; depois, comparar as coisas que são ditas sobre o divino pelos helenos³ e pelos hebreus [43A] e, com isso, perquirir os que não são nem helenos nem judeus⁴, mas são da seita⁵ dos galileus, por que escolheram as suas crenças em vez das nossas e, depois disso, questionar por que, com efeito, não permaneceram com aquelas, mas, afastando-se⁶ delas também, dirigiram-se para um caminho próprio. Embora não concordem com nenhuma das belas e importantes doutrinas, sejam as oriundas de nós, helenos⁷, sejam as dos hebreus descendentes de Moisés, eles extraem de ambos o que está ligado

a esses povos como se fossem Ceres⁸ [43B]: da leviandade judaica, o ateísmo; e, da indolência e vulgaridade⁹ entre nós, uma vida baixa e negligente – e a isso quiseram chamar a mais nobre teosebia.

[52B] De que não é por ensinamento, mas por natureza¹⁰ que se dá o conhecimento de deus entre os homens, seja-nos uma primeira prova o desejo¹¹ comum a todos os homens, particular e publicamente, como indivíduos e nações, concernente ao divino. Todos, com efeito, sem ensinamento, acreditamos em algo divino, acerca do qual não é fácil para todos conhecer com exatidão, nem possível, para os que o conhecem, comunicá-lo a todos¹²...¹³ com certeza, além dessa idéia, comum a todos os homens, há ainda uma outra. Todos, pois, dependemos do céu [52C] e dos deuses que aparecem nele tão naturalmente, que, mesmo que outro homem concebesse um outro deus além desses, de qualquer maneira lhe designaria o céu como morada, sem separá-lo da terra, mas supondo que o rei de tudo, sentado num lugar mais honorável, por assim dizer, sobrevigia de lá as coisas daqui.

[69B] Que necessidade tenho de chamar aqui helenos e hebreus como testemunhas? Não existe ninguém que não levante as mãos para o céu ao suplicar, e que não se volte para lá, quer jure por um deus, quer pelos deuses, se tem uma noção genérica do divino. E não é estranho que tenham sentido isso. Pois, uma vez que viram que nenhum dos astros¹⁴ no céu aumenta, nem diminui, nem se altera, nem experimenta quaisquer irregularidades, mas que seu movimento é harmônico e sua ordem é melodiosa, e que as luzes da lua são determinadas, [69C] e que os nasceres e os pores do sol são determinados em estações determinadas, naturalmente conceberam o céu como um deus e o trono de um deus. Pois um ser desse tipo, não estando sujeito a aumento através de adição, nem diminuição através de subtração, estabelecendo-se fora de toda mudança relativa à alteração e à modificação, está puro da destruição e da geração, sendo imortal e indestrutível por natureza e livre de qualquer tipo de impureza; perpétuo e sempre-movente, como vemos, [69D] move-se em círculo ao redor do grande demiurgo, quer seja movido por uma alma mais poderosa e mais divina que habita nele – assim como, creio, nossos corpos o são pela alma que há em nós –, quer receba seu movimento do próprio deus, circunda seu ciclo ilimitado em um movimento incessante e eterno.

[44A] Certamente os helenos inventaram mitos inacreditáveis e monstruosos sobre os deuses. Disseram, com efeito, que Crono engoliu os filhos¹⁵ e [44B] depois os vomitou. Falaram também de matrimônios ilegais: pois Zeus se relacionou com sua mãe e dela gerou uma filha com a qual ele mesmo se casou, ou melhor, sequer se casou, mas simplesmente relacionou-se com ela e depois a entregou a outro¹⁶. Depois, os dilaceramentos de Dioniso e as junções de seus membros¹⁷. Tais coisas contam os mitos dos helenos. [75A] Compara com eles o ensinamento judaico, o jardim¹⁸ plantado por deus¹⁹, o Adão por ele

moldado²⁰ e, depois, a mulher que nasce para ele²¹. Pois deus diz: “Não é bom que o homem seja sozinho: façamos para ele uma ajuda semelhante a ele”²²; mas ela não só não o ajudou em nada, como ainda o enganou e se tornou, em parte, responsável pela queda, tanto dele próprio quanto de si mesma, para fora [75B] da bonança do jardim²³.

Isso é completamente fabuloso. Pois como é razoável que deus desconheça que o ser criado por ele como ajuda surgiria não para o bem, mas antes para o mal de quem o recebeu? [86A] E que língua diremos ter empregado a serpente ao conversar com Eva? Será humana? E em que diferem esses mitos dos que foram inventados pelos helenos? [89A] E mais: não é exageradamente absurdo que deus negue, aos homens criados por ele, o discernimento do bem e do mal? Que poderia ser mais estúpido do que alguém que não é capaz de discernir o bem e o mal? Pois é evidente que não evitará umas, refiro-me às coisas más, nem seguirá outras, refiro-me às boas. Em suma, deus negou ao homem provar da sabedoria²⁴, à qual nada poderia [89B] superar em valor para o homem²⁵. Que, pois, o discernimento do bem e do mal é um ato próprio da sabedoria, é evidente até mesmo aos néscios [93D]: assim, a serpente é antes uma benfeitora, e não uma corruptora do gênero humano. [93E] Além disso, deus deve ser chamado malicioso²⁶. Pois, quando viu que o homem tomara parte na sabedoria, para que não provasse da árvore da vida, diz²⁷, expulsou-o do jardim dizendo exatamente: “Olha, Adão se tornou tal como um de nós ao conhecer o bem e o mal. E agora que nunca estenda sua mão e tome da árvore da vida e coma e viva para sempre”²⁸. [94A] Entretanto, a menos que cada um desses mitos tenha uma explicação secreta, como acredito²⁹, os relatos sobre deus estão cheios de muitas blasfêmias. Pois desconhecer que a mulher criada como ajuda será a causa da queda; negar o conhecimento do bem e do mal, o que parece ser a única coisa que sustém a inteligência humana; e, acima de tudo, ser zeloso³⁰ de que o homem, compartilhando da árvore da vida, passe de mortal a imortal, é demasiada inveja e malícia.

[96C] Acerca das coisas em que eles³¹ acreditam verdadeiramente e que nossos pais nos transmitiram desde o começo, nosso discurso sustenta assim³² que o demiurgo imediato deste cosmo³³...no que diz respeito aos deuses superiores a esse criador, Moisés não disse absolutamente nada, nem nada ousou dizer a respeito da [96D] natureza dos anjos; mas, que servem a deus, disse de muitas maneiras e muitas vezes, sem definir, entretanto, em parte alguma, se foram gerados ou se são não-gerados, se foram gerados por um deus e designados a servir outro. Todavia, acerca do céu e da terra e das coisas nela, descreve detalhadamente o modo como deus os ordenou. Ele diz que certas coisas, como a luz e o firmamento³⁴, deus ordenou que elas existissem, ao passo que outras ele criou, como o céu e a terra, o sol e a lua³⁵, e que as existentes, [96E] mas ocultas até então, ele separou umas das outras, como a água, creio, e

a terra seca³⁶. Além disso, não ousou dizer nada acerca da geração ou acerca da criação do espírito³⁷, exceto isto: “E o espírito de deus se movia sobre a água”³⁸. Porém, se é não-gerado ou gerado, nada esclarece.

[49A] Aqui, comparemos, se quereis, a palavra de Platão. Examina, portanto, o que ele diz sobre o demiurgo e que palavras atribui a ele na cosmogonia, com o intuito de compararmos a cosmogonia de Platão e a de Moisés uma com a outra. Porque, assim, poderia revelar-se quem é melhor e quem é mais digno de deus, se Platão, que homenageou as imagens³⁹, ou aquele com o qual a Escritura diz que deus falou boca [49B] a boca⁴⁰. “No princípio, deus criou o céu e a terra. A terra era invisível e informe, e a escuridão era sobre o abismo, e o espírito de deus se movia sobre a água. E deus disse: ‘haja a luz’, e houve luz. E deus viu que a luz era boa. E deus dividiu ao meio a luz e ao meio a escuridão. E deus chamou à luz dia e chamou à escuridão noite. E surgiu a tarde e a surgiu a manhã, um dia. E deus disse: ‘Haja o firmamento no meio da água’. E deus chamou [49C] ao firmamento céu. E deus disse: ‘Junte-se a água debaixo do céu em um único lugar e veja-se a terra seca’. E assim sucedeu. E deus disse: ‘Produza a terra erva para pasto e árvore frutífera’. E deus disse: ‘Haja estrelas no firmamento do céu, para que sirvam de luminância sobre a terra’. E deus as colocou no firmamento do céu, para [49D] governarem o dia e a noite”⁴¹.

49D3-106E5

Jonas Stocker

Nessas passagens, Moisés não diz que o abismo, nem as trevas, nem a água, foram feitos por deus. Entretanto, uma vez que ele disse, sobre a luz, que ela surgiu após deus ter ordenado, certamente era necessário que o dissesse também sobre a noite, e sobre o abismo, e sobre a água. Ele, porém, nada disse sobre elas não⁴² serem já existentes⁴³, ainda que freqüentemente as mencione. Além disso, não faz menção à origem ou à criação dos anjos, nem ao modo como foram produzidos, [49E] mas apenas às moradas⁴⁴ no céu e na terra, de modo que, segundo Moisés, deus não é o criador de nada incorpóreo, mas o ordenador da matéria pré-existente. Pois a afirmação “e a terra era invisível e informe” só pode dizer que ele faz da substância úmida e da seca a matéria, e que introduz deus como seu ordenador.

Ouve o que Platão diz [57B] acerca do mundo: [57C] “O céu todo, ou o mundo – ou qualquer outro nome mais adequado: que seja assim chamado por nós –, acaso sempre existiu, não tendo nenhum princípio de origem, ou é originado, tendo principiado a partir de algum princípio? É originado: pois, ele é visível e tangível e possui um corpo. E todas as coisas de tal tipo são sensíveis, e as coisas sensíveis, sendo compreensíveis por meio da sensação, foi mostrado,

são coisas que se originam e geradas...Assim então, segundo o raciocínio sensato, é necessário dizer que este mundo originou-se como um vivente animado e pensante, na verdade, [57D] pela providência de deus”⁴⁵.

[57E] Apenas comparemos ponto a ponto: qual e que tipo de discurso faz o deus de Moisés e que tipo faz o deus de Platão?

[58A] “E deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e à semelhança. E que eles prevaleçam sobre os peixes do mar, e sobre aves do céu, e sobre os rebanhos, e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis reptantes sobre a terra’. E deus fez o homem, e o fez à imagem de deus; e os fez masculino e feminino dizendo: ‘Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra e a dominai’. [58B] E que eles prevaleçam sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todos os rebanhos, e sobre toda a terra”⁴⁶.

Ouve agora o discurso platônico, que ele atribui ao criador de todas as coisas.

“Deuses dos deuses, de cujas obras eu sou demiurgo e pai, as quais, sendo minha vontade, serão indissolúveis. Com efeito, tudo o que foi unido é dissolúvel e, seguramente, desejar dissolver o que foi belamente ajustado e está bem é próprio mau. Por isso, pelo fato de serdes nascidos, não sois, portanto, imortais nem indissolúveis por completo, mas de maneira alguma sereis dissolvidos nem encontrareis destino de morte, [58C] uma vez que obtivestes a minha vontade, um liame ainda maior e mais poderoso do que aqueles pelos quais éreis ligados quando nascíeis. Agora, então, aprendei o que, demonstrando, vos digo. Restam ainda três gêneros mortais não-nascidos, e o céu⁴⁷ será imperfeito, caso eles não nasçam. Pois não terá em si todos os gêneros de seres vivos. Mas eles, uma vez que fossem gerados por mim e tomassem parte na vida, igualar-se-iam aos deuses. Então, a fim de que eles sejam mortais e que este universo seja verdadeiramente universal⁴⁸, voltai-vos, conforme a natureza, à criação⁴⁹ dos seres vivos, imitando meu poder sobre a [58D] vossa criação⁵⁰. E a porção deles que convém ser homônima aos imortais⁵¹, que é dita divina e que neles governa os que desejam seguir sempre a justiça e a vós, tendo-a semeado e principiado, eu transmiti-la-ei. E, quanto ao restante, vós, entrelaçando o mortal ao imortal, perfazei os seres vivos e os gerai, e fazei com que cresçam dando-lhes alimento, e os acolhei novamente, quando perecerem”⁵².

[65A] Mas, para que não penseis ser isso um sonho, aprendei-o. Platão [65B] chama deuses aos visíveis, o sol e a lua, as estrelas e o céu, mas esses são imagens dos invisíveis: o sol que é visto pelos nossos olhos o é do inteligível e que não é visto, e também a lua que é vista pelos nossos olhos e cada uma das estrelas são imagens dos inteligíveis⁵³. Platão sabe que [65C] esses deuses inteligíveis e invisíveis são imanentes e coexistentes⁵⁴ ao próprio demiurgo, e que dele foram gerados e provieram. Com razão, portanto, nele, o demiurgo diz “deuses” referindo-se aos invisíveis, e “dos deuses”, aos visíveis evidentemente. E esse é o demiurgo comum a ambos, o que desenvolveu com sua arte o céu, a terra, o mar e as estrelas, e os arquétipos destes originou nos inteligíveis.